



LEITURA OBRIGATÓRIA FUVest 2021

1- POEMAS ESCOLHIDOS

2-QUINCAS BORBA

3-CLARO ENIGMA

4-ANGÚSTIA

5-A RELÍQUIA

6-MAYOMBE

7-CAMPO GERAL

8-NOVE NOITES

9-ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA

POEMAS ESCOLHIDOS

Autor: Gregório de Matos

COMENTÁRIOS

Movimento literário: Barroco, século XVII

• **Estética:** O Barroco surge no contexto da Contrarreforma, período marcado por uma reação da Igreja Católica perante os avanços da Reforma Protestante. Na literatura, foi muito difundido na península Ibérica e teve como gêneros predominantes a oratória religiosa e a poesia sacra. O Barroco brasileiro iniciou-se em 1600, com a poesia de Bento Teixeira, percorreu o século XVII e somente em meados do século XVIII perdeu o vigor, tendo a publicação de Obras poéticas, de Cláudio Manuel da Costa, em 1768, dado início ao Arcadismo. Em um Brasil essencialmente nordestino, o Barroco foi marcado pelo retorno das pessoas mais cultas que iam para Portugal estudar e voltavam com influências do estilo que vigorava por lá. Teve como mais importantes representantes padre Antônio Vieira, na oratória, e Gregório de Matos, na poesia. Tanto Vieira quanto Gregório de Matos adequaram suas obras à realidade brasileira.

• **Poeta:** Gregório de Matos é considerado o primeiro grande poeta do Brasil. Autor de verve fácil, tem preferência por sonetos, embora em sua poesia constem diversos tipos de composição, incluindo os jogos verbo-visuais que se tornaram comuns no gosto barroco. Sua poesia é comumente dividida em três partes: composições líricas, satíricas e sacras. Deve-se lembrar de que o autor é um dos primeiros poetas a utilizar os elementos brasileiros e também a se adequar à paisagem nacional. Sua poesia satírica, pela qual foi alcunhado de Boca do Inferno, constitui uma rica fonte documental sobre o homem e a sociedade de sua época. Influenciado pelos mestres espanhóis do período - Góngora, Quevedo, Calderón de la Barca -, teve poemas que circularam manuscritos e foram compilados e publicados somente por iniciativa da Academia Brasileira de Letras no século XX. Existem dúvidas se toda a produção tida como dele é realmente de sua autoria.

▪ **Composições sacras:** O poeta, enquanto representante do Barroco, acredita em um Deus perfeito e se submete a ele como pecador; no entanto, sabe-se falível e, muitas vezes, reincide nos mesmos erros. São grandes exemplos de poesia sacra "A Jesus Cristo nosso Senhor" e "Buscando a Cristo".

Exemplo:

Atos de arrependimento e suspiros de amor

Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,

É verdade, Senhor, que hei delinquido,

Delinquido vos tenho, e ofendido,

Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha a vaidade,

Vaidade, que todo me há vencido,

Vencido quero ver-me e arrependido,

Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,

De coração vos busco, dai-me os braços,

Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,

A salvação pretendo em tais abraços,

Misericórdia, amor, Jesus, Jesus!

• Composições líricas

As composições líricas de Gregório de Matos podem ser subdivididas em:

• **Poesia de reflexão filosófica e acerca da natureza:** preocupação com a efemeridade da vida e das coisas: "A instabilidade das coisas no mundo", "Inconstância dos bens do mundo", "Desenganos da vida metaforicamente", "Expressão do silêncio do poeta", "Impaciência do poeta", "Nasce o sol e não dura mais que um dia", "Na confusão do mais horrendo dia".

• **Poesia lírico-amorosa:** declaração feita a uma mulher considerada superior, endeusada e equiparada a figuras míticas. Geralmente o amor não é correspondido, daí a contemplação da mulher como deusa ou anjo que vem a ser motivo do amor devoto e espiritual. Algumas vezes, no entanto, o sujeito lírico sente-se atraído fisicamente pela mulher, compondo versos mais ousados. Há uma série de poemas dedicados às mulheres que o impressionaram, como Dona Ângela. Alguns poemas: "A formosura de Dona Ângela", "Expressão de amor, mandando perguntar como passava", "Declara-se temendo perder por ousado", "Chora o poeta por perdidas esperanças de conseguir Ângela como esposa", "A Maria dos povos, sua futura esposa", "A uma dama" etc.

Exemplo:

[1]

Na confusão do mais horrendo dia,

Painel da noite em tempestade brava,

O fogo com o ar se embaraçava

Da terra e água o ser se confundia.

Bramava o mar, o vento embravecia,

Em noite o dia enfim se equivocava,

E com estrondo horrível, que assombrava,

WWW.SIMULADODEVESTIBULAR.COM.BR

A terra se abalava e estremecia.

Lá desde o alto aos côncavos rochedos,

Cá desde o centro aos altos obeliscos,

Houve temor nas nuvens, e penedos.

Pois dava o Céu ameaçando riscos

Com assombros, com pasmos, e com medos

Relâmpagos, trovões, raios, coriscos.

[2]

À margem de uma fonte, que corria,

Lira doce dos pássaros cantores,

A bela ocasião das minhas dores

Dormindo estava ao despertar do dia.

Mas como dorme Sílvia, não vestia

O céu seus horizontes de mil cores;

Dominava o silêncio entre as flores,

Calava o mar, e rio não se ouvia,

Não dão o parabém à nova Aurora

Flores canoras, pássaros fragrantés,

Nem seu âmbar respira a rica Flora.

Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,

Tudo a Sílvia festeja, tudo adora

Aves cheirosas, flores ressonantes.

▪ **Composições satíricas**

Os poemas satíricos tecem considerações críticas à sociedade baiana, desde os mais abastados membros até as camadas menos privilegiadas, retratando as contradições sociais e a realidade local. Registram-se os costumes, as festas, a política, os favores, enfim, há um panorama da vida em uma sociedade que está se firmando e vive seus percalços. Não raro, o poeta utiliza uma linguagem ferina e não poupa palavras consideradas de baixo calão.

Algumas das mais importantes produções poéticas de Gregório de Matos estão disponíveis em sites da internet.

Exemplo:

Senhora dona Bahia

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna,

e é que, quem o dinheiro nos arranca,

nos arranca as mãos, a língua, os olhos.

Esta mãe universal,

esta célebre Bahia,

que a seus peitos toma, e cria,

os que enjeita Portugal

Cansado de vos pregar
cultíssimas profecias,
quero das culteranias
hoje o hábito enforçar:
de que serve arrebentar
por quem de mim não tem mágoa?
verdades direi como água
porque todos entendais,
os ladinos e os boçais,
a Musa praguejadora.
Entendeis-me agora?

QUINCAS BORBA

Autor: Machado de Assis

COMENTÁRIOS

Movimento literário: literário: Realismo

- **Estilo:** linguagem clara, precisa, enxuta. Exploração dos aspectos psicológicos das personagens. Capítulos curtos; digressões com finalidades argumentativas, reflexivas ou explicativas. Constantes interferências do narrador por meio de comentários/diálogos dirigidos ao leitor. Ironia, pessimismo e humor.
- **Narrador:** 3ª pessoa. Onisciente. Narrador não confiável, moderno e manipulador. Presença do discurso indireto livre.

Personagens

- Rubião: herdeiro da fortuna e da filosofia de Quincas Borba. Ingênuo, simplório, não desconfia da trama que armam ao seu redor. Morre louco, pobre, mas não vencido.
- Cristiano Palha: ambicioso, frio, oportunista e vaidoso em relação à sua esposa e ao status que conquista. Almeja posição social e usa todos os meios para obtê-la.
- Carlos Maria: jovem vaidoso, esnobe, altivo e galanteador. Conquistador endeusado pelas mulheres que o rodeiam, principalmente sua futura esposa, Maria Benedita, prima de Sofia.
- Sofia: mulher vaidosa e consciente do poder que exerce sobre os outros personagens, principalmente sobre Rubião. Sensual e dissimulada; dominadora e, como o marido, ambiciosa.
- Maria Benedita: adotada como pupila por sua prima Sofia. Ao final, torna-a seu objeto de despeito pelo seu casamento com Carlos Maria. Aniquila-se em função do marido.

- Camacho: personagem caricaturesco, politiquero e de fala empolada, cujos ideais e ideias são tomados de empréstimo. É versátil na arte da dissimulação. Dirige o jornal O Atalaia.
- D. Tonica: solteirona e quarentona. Revela-se uma mulher invejosa, infeliz, frustrada e revoltada. Teve pretensões de se envolver com Rubião como uma saída social para a questão do casamento. Filha do Major Siqueira. Gradativamente se afasta do casal Palha.
- D. Fernanda: mulher casamenteira, de boa índole e certa generosidade, a ponto de condoer-se do destino de Rubião. Promove o casamento de Carlos Maria com Maria Benedita.
- Freitas: parasita glutão que se aproveita dos charutos e da hospitalidade de Rubião. No entanto, tem certa simpatia, e é o oposto de Carlos Maria, ambos frequentadores da casa do Botafogo.
- Teófilo: marido de D. Fernanda, ambicioso e, às vezes, temperamental.
- Major Siqueira: mexeriqueiro e astuto observador da sociedade que o cerca, que lhe serve de motivo para suas observações sempre maliciosas.

Enredo

Romance datado de 1891, publicado dez anos após as Memórias póstumas de Brás Cubas, que marcou o início do Realismo na literatura brasileira. Escrito em 3ª pessoa, retoma o personagem Quincas Borba, que já havia exposto sua teoria do Humanitismo nas Memórias - cujo aforismo "ao vencedor as batatas" será o ponto de partida para este volume. Rubião, ex-futuro cunhado de Quincas Borba, herda toda a fortuna do filósofo, com uma condição: tomar conta do cão, também chamado Quincas Borba. Rubião cumpre as exigências do testamento e, de posse de uma considerável fortuna, segue para a Corte. No caminho, na estação de Vassouras, trava conhecimento com o casal Cristiano Palha e Sofia. Rubião torna-se verdadeiramente amigo de Cristiano, a ponto de lhe emprestar dinheiro e financiar alguns investimentos como sócio de uma companhia de exportação. Por outro lado, fica não só impressionado com a beleza e desenvoltura de Sofia, como nutre por ela uma incomensurável paixão. Sofia tem plena consciência do poder que exerce sobre Rubião e ora lhe dá esperanças, ora as retira, nunca se entregando a ele. Enquanto isso, Cristiano, por meio de artimanhas comerciais, dá um desfalque em Rubião e assume o controle de toda a fortuna do herdeiro.

Nesse intervalo, o leitor conhece a vida na Corte, desvenda os poderes e as ideias políticas, viaja pelas ruas do Rio de Janeiro em uma saborosa crônica dos costumes e do cotidiano das pessoas mais privilegiadas, tingidas com as cores machadianas de pessimismo, humor e ironia. Acima de tudo, Machado analisa a alma humana com um toque: a genial doutrina filosófica de Quincas Borba, agora entendida na sua práxis. Rubião gradativamente enlouquece sem nunca ter realizado seu sonho de amor. Antes de morrer, proclama-se imperador. Logo em seguida, morre seu único grande companheiro, o cão. Machado, no final, instiga o leitor perguntando-lhe quem, afinal, dera nome à obra: o filósofo - motor e mentor da filosofia - ou o cão, que Rubião achava ser a encarnação de Quincas Borba. Sabiamente, ele não responde, e diz que seria uma discussão para muitas outras páginas.

CLARO ENIGMA

Autor: Carlos Drummond de Andrade

COMENTÁRIOS

Movimento literário: Modernismo (2ª geração/1930 -1945)

Claro enigma, publicado em 1951, reúne 41 poemas distribuídos em seis seções:

"I. Entre lobo e cão" (18 poemas); "II. Notícias amorosas" (7 poemas); "III. O menino e os homens" (4 poemas); "IV. Selo de Minas" (4 poemas); "V. Os lábios cerrados" (6 poemas); "VI. A máquina do mundo" (2 poemas). A epígrafe, recolhida de Paul Valéry -"Les événements m'ennuient"- ("Os acontecimentos me entediam") revelam a desilusão do poeta que vê desmoronarem suas convicções ideológicas: o socialismo não foi solução e a visão do tempo e do homem, pós-2ª Guerra, o entediam e o fazem refletir. A introspecção está acentuada e sua visão de mundo transcende a esperança que vislumbrou no livro anterior A rosa do povo.

Desconstroem-se os arquétipos, o poeta sente-se mais deprimido e melancólico e sua visão de mundo fecha-se no confronto entre o eu e o mundo. Entre os poemas que compõem o livro, "A máquina do mundo" é considerado pela crítica um dos mais belos e intrincados da literatura brasileira. O título remete a Os Lusíadas, de Camões, no episódio em que a deusa Tétis mostra a Vasco da Gama as engrenagens da máquina do mundo. O eu lírico recebe a visita da máquina e a desdenha, recusando-se a conhecer e desvendar a história.

I. Entre lobo e cão: nos 18 poemas que compõem a primeira parte de Claro enigma é possível constatar não somente os preceitos conceituais que norteiam o poeta, como a proposta estética que recuperará as formas tradicionais do fazer poético, utilizando versos mais longos e metrificadas. Coexistem ao lado dos versos livres, prosaicos. Continuam constantes o apelo à metalinguagem e aos desconcertos do mundo, o pessimismo e a maneira de dialogar com aspectos da filosofia, pontuados por algumas questões existenciais. Compõem esta seção os poemas: "Dissolução", "Remissão", "A ingaia ciência", "Legado", "Confissão", "Perguntas em forma de cavalomarinheiro", "Os animais do presépio", "Sonetinho do falso Fernando Pessoa", "Um boi vê os homens", "Memória", "A tela contemplada", "Ser", "Contemplação do branco", "Sonho de um sonho", "Cantiga de enganar", "Oficina irritada", "Opaco" e "Aspiração".

II. Notícias amorosas: essa parte é dedicada à temática amorosa. O poeta faz reflexões sobre o amor e os desencontros da relação que acarretam sofrimento. Fazem parte de "Notícias amorosas" os seguintes poemas: "Amar", "Entre o ser e as coisas", "Tarde de maio", "Fraga e sombra", "Canção para álbum de moça", "Rapto" e "Campo de flores".

III. O menino e os homens: o poeta revisita a memória e a lembrança da família e dos entes queridos. São poemas marcados pelo pessimismo. Nessa parte estão: "A um varão que acaba de nascer", "O chamado", "Quintana's bar" e "Aniversário".

IV. Selo de Minas: traz a marca pessoal e autobiográfica, temas que acompanham o poeta desde a publicação de Alguma poesia. As Minas Gerais são evocadas a partir de seus elementos históricos, marcados por um memorialismo saudosista e tristonho. Estão nessa parte: "Evocação Mariana", "Estampas de Vila Rica", "Morte nas casas de Ouro Preto", "Canto negro" e "Os bens e o sangue".

V. Os lábios cerrados: poemas que mostram um Drummond mais recolhido, rememorando as lembranças do pai, fazendo reflexões sobre a passagem do tempo e a chegada da morte, são eles: "Convívio", "Permanência", "Perguntas", "Carta", "Encontro" e "A mesa".

VI. A máquina do mundo: parte final, em que o poeta parece resumir as reflexões de toda a obra, permanecendo seu descaso com o mundo e as soluções fáceis são descartadas. Somente dois poemas finalizam a obra: "A máquina do mundo" e "Relógio do Rosário".

ANGÚSTIA

Autor: Graciliano Ramos

COMENTÁRIOS

Movimento literário: Modernismo (2ª geração/1930-1945)

• **Estilo:** seco e, até certo ponto, econômico. Frases curtas, proximidade com a oralidade, poucos adjetivos, palavras organizadas na medida certa para dar conta do universo caótico do personagem e exploração da técnica do fluxo de consciência. Como se encontrava na prisão, Graciliano não exerceu sobre essa obra as revisões costumeiras. Por isso, muitas vezes, há um turbilhão de palavras, o que não ocorre em outras obras do autor, mas que não lhe tira os méritos. Trata-se de uma das mais penetrantes análises do psicológico de uma personagem que acumula toda a angústia existencial, o mal do século XX. Dentro do panorama do existencialismo de Sartre, que pode ser resumido no aforismo "O inferno são os outros", Graciliano sintetiza o universo psicológico atormentado de um personagem-narrador, fragmentado entre a realidade deformada, que ele expõe por meio da subjetividade, e a realidade objetiva, representada por uma sociedade mergulhada na estagnação, que é descrita com alguns toques de Naturalismo. O leitor mergulha na alucinação do protagonista, que sensibiliza o que descreve e revela em tudo sua deformação psicológica.

• **Estrutura:** escrita em primeira pessoa, a obra entremeia aspectos do passado de um mundo decaído do personagem, cuja retomada é feita pela memória por meio de flashbacks. Como o leitor conhece somente o que se passa na mente do protagonista, por meio do que ele escreve, não tem perfeita consciência da veracidade dos fatos narrados - daí estar frente a um narrador não confiável, do qual é possível desconfiar até mesmo da ocorrência real do homicídio que ele diz ter acontecido e praticado. Graciliano Ramos faz uso de recursos como a metalinguagem, o monólogo interior na construção das sequências narrativas introspectivas, e os flashbacks para recompor a desordem mental do protagonista.

Personagens

- **Luís Pereira da Silva:** frustrado, deprimido, tímido, solitário e impotente diante da realidade que o cerca ou que ele imagina o cercar. Sente crescer cada vez mais um sentimento de degradação em relação ao ambiente e às pessoas à sua volta, culminando com Julião Tavares, seu rival e por quem sente um profundo repúdio. Sua angústia cresce no transcorrer das ações que o circundam, até chegar às vias de total aniquilamento moral e social. Cresce nele a necessidade de desforra e de vingança, a ponto de premeditar e cometer um ato criminoso. É a partir desse episódio que o narrador começa a contar sua história.
- **Julião Tavares:** filho de um rico comerciante, galanteador, respeitado pela sociedade que o cerca; tem suas conquistas - que não raro geram abortos clandestinos - encobertas pelo poder financeiro do pai. Provoca asco em Luís da Silva, pelo fato de ser pegajoso e ter "voz pastosa".
- **Marina:** moça pobre, vaidosa, fútil, tem sonhos mais altos que sua condição social e deixa-se levar facilmente pela lábria de Julião Tavares, embora ainda estivesse ligada a Luís da Silva. Depois de ficar grávida do amante, é abandonada e comete aborto.
- **Moisés:** um dos poucos amigos de Luís da Silva; judeu, trabalhava com um tio e encontrava no amigo um de seus interlocutores. Tem ideias comunistas e, por causa disso, é perseguido.
- **Trajano:** avô de Luís da Silva, evocado pelas recordações do neto. Entrou em decadência, mas fora senhor de engenho respeitado. Casado com sinhá Germana.
- **Camilo Pereira da Silva:** pai de Luís, herdeiro da decadência, indolente e sem perspectivas.
- **Lobisomem:** velho, de hábitos reclusos e mal falado pela vizinhança, largamente acusado de abusar de suas três filhas.
- **Dona Adélia e Seu Ramalho:** pais de Marina, deixam-se levar por Julião Tavares, atraídos pelos presentes que ele lhes trazia e pelas necessidades por que passavam.
- **Dona Mercedes:** tem um amante rico e provoca inveja em Marina, que a toma como modelo.

Enredo

Luís da Silva, personagem-narrador, descende de uma família de senhores de terra e de escravos que foi à falência - reflexo das profundas transformações pelas quais passou a vida rural brasileira no final do século XIX: o açúcar dos engenhos deixou de ser o motor da economia e a indústria açucareira foi redimensionada pela modernização das usinas, modelo de produção mais arrojado e rendoso. Luís vai à cidade e torna-se um reles funcionário público que pretende algum dia publicar algo que já tem engavetado, resultado de suas investidas literárias. Morador de um subúrbio pobre, feio e sujo em Maceió, busca em Marina, sua vizinha de "cabelos de fogo", uma compensação para sua timidez e para a profunda lacuna social que se faz presente em sua vida. Luís projeta na noiva seus anseios. Por meio de uma narrativa densa e coroada de profundo subjetivismo, expõe a tensão que toma conta de sua existência e revela os subterrâneos de seu ego dilacerado. No entanto, Marina é uma moça inconsequente e não entende as necessidades e a vida difícil de seu noivo, que desembolsa todas as suas economias para a compra do enxoval - as quais, no fim, são gastas por ela com alguns poucos itens totalmente dispensáveis. Marina é uma moça direcionada pelos seus sonhos, que pretende viver sem problemas financeiros, almejando uma vida muito acima de sua realidade, espelhada no modelo de uma vizinha - Dona Mercedes - que é sustentada por um amante abastado. Surge, nesse contexto, a figura de Julião Tavares: homem rico, conquistador e bem posto na sociedade, que vai se aproximando de Marina gradativamente e toma o lugar de Luís da Silva, conquistando sua noiva. Marina se entrega a Julião, fica grávida e quem toma para si a vingança é o ex-noivo, que busca no homicídio do rival sua vingança pessoal e uma forma de se livrar de seus fantasmas e alucinações. Após a morte de Julião Tavares, Luís é acometido por uma profunda crise existencial que o levará ao fundo do poço, do qual emerge para escrever seu relato após trinta dias de profunda crise.

A RELÍQUIA

Autor: Eça de Queirós

COMENTÁRIOS

Movimento literário: Realismo (Portugal) – Publicado em 1887, romance/ farsa escrito entre a segunda e a terceira fase do autor.

Estilo: linguagem correta, perfeita, com pleno domínio do léxico. O estilo flui sem interrupções, preciso, contínuo e maleável. O volume é vazado dosando a ironia, a irreverência, a sátira e, no dizer do próprio autor, o valor do livro está “no realismo fantasista da Farsa”.

Narrador: narrado em primeira pessoa por Teodorico Raposo, apelidado de Raposão.

Cenário: os círculos de uma sociedade de valores burgueses, movida pela religião, cercada pelo clero corrupto e interesseiro. Também focaliza os círculos boêmios das rodas estudantis. Boa parte do livro gira em torno da visão de Teodorico e sua viagem a Jerusalém.

Personagens:

- Teodorico Raposo: órfão aos sete anos, ele teve sua “educação” orientada por uma tia extremamente beata. A formação do caráter do personagem está entre a necessidade de prestar contas à tia, fanática religiosa, e o interesse em herdar a grande fortuna dela, ao mesmo tempo em que leva uma vida libertina. “Raposão” passava o dia a visitar igrejas para cair nas graças e herdar a fortuna da tia, mas, às escondidas, era desregrado, mentiroso, libertino e enganador. Nesse sentido, o livro assume um tom picaresco, por meio de um personagem hipócrita, que finge ser religioso, para melhor gozar a vida, em uma trama de peripécias e aventuras cômicas, típicas das comédias farsescas. A ação focaliza o personagem desde menino, a sua vida de interno de um colégio religioso até a formação em Direito em Coimbra e os conflitos amorosos da vida adulta. O ponto insólito da trama é o financiamento feito pela tia para que “Raposão” viajasse em peregrinação às terras sagradas em busca de uma relíquia para o oratório da tia.

- Dona Patrocínio das Neves (Titi): tia solteirona de Teodorico, custeia os estudos do sobrinho órfão. Extremamente rígida, riquíssima e católica fanática, vive cercada pelo clero interesseiro e hipócrita. Deserda o sobrinho e divide sua enorme fortuna entre padres e outros de seu convívio. Para o sobrinho, deixa apenas seus óculos.
- Padre Negrão: padre adulator, assíduo frequentador da casa de Dona Patrocínio das Neves, é o mais indignado acusador da farsa de Teodorico. Herda boa parte da fortuna da velha beata após desmistificar Raposão e causar seu deserdamento. Torna-se amante de Adélia, antiga amante de Teodorico.
- Tópsius: alemão, doutor e arqueólogo, orienta o Teodorico na peregrinação aos lugares santos de Jerusalém. Acredita que a Alemanha "é a mãe espiritual dos povos". É uma espécie de caricatura do intelectual acadêmico.

Enredo:

Teodorico Raposo, órfão, passa a viver em Lisboa com uma tia velha e religiosa fanática. Tem sua educação financiada pela tia, primeiro em um colégio interno da capital, e, em seguida, ingressa no curso de Direito da Universidade de Coimbra, onde passa a participar da roda boêmia estudantil, mas não se esquecendo de adular a tia, escrevendo-lhe cartas mentirosas e falsamente beatas para garantir sua herança. De férias, em Lisboa, finge seu fervor religioso percorrendo igrejas, sempre interessado na fortuna da velha. Acabado o curso em Coimbra, convence a tia de patrocinar uma viagem aos lugares santos da Palestina garantindo-lhe que lhe trará uma relíquia, convertida em uma coroa de espinhos que o companheiro de viagem Tópsius garante ser a mesma que serviu a Cristo. No entanto, vive uma vida de orgias. Uma noite Teodorico tem uma visão ou um sonho com a morte de Cristo, que ele reconstitui em uma longa narrativa. Ao retornar a Lisboa, leva sua "relíquia" que, sem querer, fora trocada por um presente que Mary, uma luveira inglesa com quem fizera amor em Alexandria, dera-lhe. No oratório da casa da tia, ele desembulha uma camisola. O padre Negrão veementemente o condena, a tia o deserda. Raposão, sem rumo, passa a viver da venda de relíquias, inflacionando o mercado que logo decresce dada a grande quantidade de objetos "sagrados" postos em circulação. Por acaso, encontra um antigo companheiro de estudos que lhe arranja um emprego. Casa-se com a irmã desse, e parece regenerado. Já comendador, com filhos e proprietário, ao saber da divisão da fortuna da tia e da herança do padre Negrão, Teodorico ironicamente pensa que uma pequena mentira poderia ter-lhe dado as vantagens de uma vida confortável. Finaliza a obra reconhecendo seu erro de não dizer que a camisola pertencera a Maria Madalena.

MAYOMBE

Autor: Pepetela

COMENTÁRIOS

Movimento literário: Modernismo contemporâneo (Angola)

Estilo: linguagem fluida, leve e correta.

Narrador: em 1ª pessoa, por meio dos personagens que fazem relatos de suas experiências pessoais e em 3ª pessoa, em que o próprio autor, através de suas experiências, expõe as mazelas e os desafios de pertencer a um grupo guerrilheiro.

Cenário: Mayombe é uma floresta tropical situada na região norte da Província de Cabinda, com fronteira com o Congo Brazzaville e a República Democrática do Congo. Apresenta uma densa vegetação com árvores frondosas e de grande valor econômico. No livro de Pepetela, serve de pano de fundo para os guerrilheiros que lá encontram seus sustentos quando a comida demora a chegar em seus abrigos. Entre os guerrilheiros e a floresta existe uma interação simbiótica. Mayombe constitui uma espécie de extensão da luta representada pela libertação de Angola em oposição a outros espaços ocupados pelos portugueses (os tucas).

Estrutura do grupo guerrilheiro de Mayombe:

Os guerrilheiros são conhecidos pelos seus codinomes (ou suas funções).

Personagens:

- **Teoria:** a primeira personagem desse processo polifônico. Nascido na Gabela, é filho de mãe negra e pai branco. O fato de ser mestiço o incomoda e, por isso, vê na guerrilha um modo de expurgar esse "pecado original".

- **Milagre:** é a segunda personagem a se apresentar. Ele pertence a uma determinada tribo, com hábitos e tradições distintas dos demais. Mesmo participando do movimento, ainda não rompeu com os traços de sua origem.

- **Mundo Novo:** no processo polifônico, Mundo Novo é o terceiro a ter voz na narrativa. Indispõe-se com Comandante, não chegando a entender perfeitamente o pensamento e o modo de agir de Sem Medo, a quem chama de “pequeno-burguês com traços anarquistas”.

Como marxista-leninista, se diz não egoísta e acredita que só as massas constroem a História, sem diferenças de cor ou origem.

- **Muatiânvua:** é outro personagem a tomar a voz na narrativa. Filho de um mineiro, que morreu tuberculoso logo após seu nascimento, caracteriza-se por ser destribalizado, acredita em uma revolução por e para Angola inserida em um contexto mais amplo, a África. Sente-se marginalizado, “posto de lado”. Exerceu várias atividades – marinheiro, contrabandista, ladrão – antes de ingressar na guerrilha. Para ele, todas as imagens se resumem no brilho do diamante, maior riqueza mineral do país.

- **André:** comandante administrativo de Dolisie. É relapso e desvirtuado. Comete deslizes de todas as ordens, o que põe em dúvida não só sua integridade moral como seu papel de líder. Rivaliza-se com Sem Medo, não percebendo as intenções do comandante da base de Mayombe, mas acreditando que ele faz de tudo para assumir o seu lugar. Seduz Ondina, noiva do Comissário e é pego em flagrante. É punido com a perda do cargo que desempenhava e removido para outro lugar, mas acredita que tudo não passou de um golpe.

- **Ondina:** é professora em Dolisie. Noiva do Comissário, não tem com ele uma afinidade sexual e entrega-se a André e depois ao Comandante. No entanto, ama o Comissário e divide esse amor com o Comandante. Ela desiste de ter uma vida ao lado do Comissário e termina tudo antes de ser transferida para outro reduto. Entrega-se ao Comandante nutrindo por ele um misto de amor, desejo e proteção. Representa a mulher que transforma o meio e as pessoas com que convive..

- **Lutamos:** único do grupo originário da região de Cabinda, precisa provar a todos os companheiros que não é traidor. Ele e Sem Medo guerreiam juntos há mais de dez anos. Destemido e corajoso como o Comandante.

- **Comissário:** tem 25 anos e é dez anos mais novo que o Comandante. Escreve a última interferência em primeira pessoa, no epílogo. Acredita que guerra popular “não se mede em número de inimigos mortos. Ela mede-se pelo apoio popular que tem.” Vai crescendo no seio do movimento, passando por uma “dolorosa metamorfose” quando da morte de Sem Medo. Reconhece que Sem Medo é Ogum, o Prometeu africano.

• **Sem Medo:** a Imagem desse guerrilheiro é construída a partir das referências feitas a ele nos escritos em terceira e primeira pessoas. Ele não assume a primeira pessoa no livro. Sem Medo faz parte da tribo Kikongo, é o mais doutrinado e politizado do grupo e responsável por passar sua ideologia aos demais. Abandonou o curso de Economia em 1964 para ingressar na guerrilha. É responsável por fazer as reflexões sobre o Partido, a ideologia, os indivíduos comandados e as ações a serem executadas. Lúcido e pragmático, age orientando, ensinando e expondo seus ideais revolucionários. No entanto, seu pragmatismo exige luta armada e seu ideal é uma sociedade igualitária, de facção marxista, em que o homem não explorará o homem. Sem Medo acredita que a revolução é percurso para atingir um fim, não importando os meios para a obtenção dos resultados.

Considerações finais: A obra de Pepetela simboliza o início da operação guerrilheira em território africano. A morte do Comandante, ao final do romance, marca a integração entre o homem e a Pátria angolana que surgirá. Ao ser enterrado na floresta, misturou-se às folhas em decomposição de Mayombe. A trajetória desse guerrilheiro é sua inserção ao meio, que personifica o mito de Ogum – o Prometeu africano.

O Mayombe tinha criado o fruto, mas não se dignou a mostrá-lo aos homens: encarregou os gorilas de o fazer, que deixaram os caroços (de comunas) partidos perto da Base, misturados com as suas pegadas. E os guerrilheiros perceberam então que o deus-Mayombe lhes indicava assim que ali estava o seu tributo à coragem dos que o desafiavam: Zeus vergado a Prometeu, Zeus preocupado com a salvaguarda de Prometeu, arrependido de o ter agrilhado, enviando agora a águia, não para lhe furar o fígado, mas para o socorrer. (Terá sido Zeus que agrilhoou Prometeu, ou o contrário?)

A mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, lama, escuridão. Medo. A mata abriu valas camufladas de folhas sob os pés dos homens, barulhos imensos no silêncio da noite, derrubou árvores sobre os homens. E os homens avançaram. E os homens tornaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos. Zeus ajoelhado diante de Prometeu. E Prometeu dava impunemente o fogo aos homens e a inteligência. E os homens compreendiam que Zeus, afinal, não era invencível, que Zeus se vergava à coragem, graças a Prometeu que lhes dá a inteligência e a força de se afirmarem homens em oposição aos deuses. Tal é o atributo do herói, o de levar os homens a desafiarem os deuses. Assim é Ogum, o Prometeu africano.

(Mayombe, p. 67-68.)

CAMPO GERAL

Autor: Guimarães Rosa

COMENTÁRIOS

Movimento literário: Modernismo brasileiro – terceira fase

Estilo: Criador de uma espécie de regionalismo universal, que narra temas essenciais como: amor, deus, diabo, vingança; emoldurados pelos espaços, e pelos costumes do sertão mineiro. Mistura dicção popular e erudita por meio de uma linguagem com muitos neologismos, usando muitos recursos poéticos.

Campo geral (1956): Novela que capta a perspectiva de Miguilim, uma criança que morava com sua família no Mutum. Espécie de retrato da infância (com referências autobiográficas) o texto revela com grande lirismo a força mágica desse período de formação e descobertas.

Narrador: Narrado em terceira pessoa onisciente a ação é organizada apenas pelo ponto de vista de Miguilim, um garoto delicado, atento e sensível, que observa a mãe, o pai, os irmãos, o tio, a avó e os agregados, e, dessas relações, emana o mundo interior da criança, que faz com que a narrativa tenha muito de expressão poética.

Tempo: Prevalece a construção de um tempo psicológico, uma espécie de tempo imóvel que coloca em relevo o espaço de Mutum e seus moradores.

Espaço: Mutum, remoto lugarejo no sertão. Essa palavra é um palíndromo. Tal grafia, MUTUM, representa o próprio espaço, já que este ficava junto a um covão (U), entre morro e morro (M e M).

Personagens:

Miguilim: Menino com grande sensibilidade, de cabelos pretos como a mãe. Muitas de suas dificuldades revelam-se, no final, como causada por uma irritação visual.

Dito: Irmão mais novo, porém sabia ser responsável. Ruivo. Morreu de tétano.

Nhô Bero (Bernardo Caz): pai de Miguilim, homem rude, não conseguia expressar afeto facilmente.

Tio Terês: tio e amigo de Miguilim.

Tomezinho (Tomé de Jesus Casseim Caz): Ruivo, como o pai, menino de quatro anos irmão de Miguilim.

Nhanina, mãe de Miguilim: Não gostava do Mutum, terá relações extraconjugais.

Vovó Izidra: Vestia-se sempre de preto e defendia Miguilin.

Chica: irmã de Miguilim, tinha os cabelos pretos como a mãe.

Liovaldo: irmão mais velho de Miguilim, morava fora de Mutum.

Mãitina: preta velha, empregada da casa, cultuava rituais africanos.

Drelina: Maria Adrelina Cessim Caz, irmã mais velha de Miguilim.

Luisaltino: empregado contratado por Nhô Bero, que vai assassiná-lo por ele por ciúme, já que havia sido amante de Nhanina.

Saluz: vaqueiro de Nhô Bero.

Enredo: Os principais temas da narrativa são o amor, a amizade, a violência e a fé, vistos por Miguilim, que tem uma intensa relação afetiva com a mãe e dificuldades de relacionamento com o pai, que se adensam durante a narrativa, melhorando apenas depois que Miguilim fica doente e se restaura, fazendo com que o pai passe a brigar menos com ele. Além disso, a novela mostra uma galeria de personagens que passam por Mutum, bem como a vivência com os irmãos, a avó e o tio, o qual ganha destaque a relação com o irmão Dito que morre de tétano, obrigando Miguilim a crescer diante dessa tragédia. A novela possui uma nota alegórica em seu encerramento: quando Dr. José Lourenço chega a Mutum e descobre que Miguilim era míope, fazendo com que o garoto use óculos pela primeira vez, e por isso ele passa a ver um mundo mais nítido (como se o visse pela primeira vez ou a chegada de outro ciclo, metáfora do amadurecimento e da chegada da vida adulta). Isso permite que Miguilim parta para a cidade e possa adentrar outro universo mais amplo, em uma narrativa de formação, que mostra toda a poesia e a beleza da infância. O final da novela deixa os fios narrativos soltos, possibilitando várias abordagens e interpretações.

NOVE NOITES

Autor: Bernardo de Carvalho

COMENTÁRIOS

Movimento literário: Pós-modernismo – Tendência da prosa contemporânea.

Estilo: Autor contemporâneo, faz uso de técnicas pós-modernistas como a metaficção, a autoficção e a mistura de gêneros literários, em uma prosa direta e ágil, com referências a outros campos do saber, como a antropologia e a etnologia.

Nove noites (2002): Romance altamente contemporâneo, usa recursos da literatura pós-moderna e que visa embaralhar rótulos e procedimentos da ficção mais tradicional: realidade e invenção são trabalhadas de forma paralela, uma encobrindo a outra.

Narrador: O romance tem 19 capítulos numerados com cardinais, com alternância entre um narrador que aparece grafado em itálico (Manoel Perna, que faz as vezes de narrador-sertanejo, em uma narrativa em primeira pessoa), que, por meio de relatos, mistura-se à voz de um jornalista, narrador-personagem, que busca investigar e entender as circunstâncias da morte de Buell Quain. O relato feito por Perna é o registro de nove noites de conversas e revelações com Buell Quain, saindo desse convívio o título do romance.

Tempo: Tempo presente da narrativa, com referências à 1939, por meio de cartas e documentos.

Espaço: Carolina, cidade do Maranhão, Estados Unidos e Rio de Janeiro.

Personagens:

Buell Quain: antropólogo americano que se suicida durante uma estada entre os índios krahô em 1939. Personagem histórica.

Manoel Perna: amigo e confessor de Buell Quain. Personagem fictícia.

Jornalista/Pesquisador: Que busca esclarecer as circunstâncias da morte de Buell Quain.

Personagens históricos: Há uma galeria de antropólogos, políticos e professores na trama do romance.

Enredo: O enredo ocupa-se em narrar uma investigação de um fato ocorrido em 1939, o misterioso suicídio de um antropólogo americano, Buell Quain, durante uma estada entre os índios krahô. Morte violenta e inexplicável, repleta de ambivalências: em plena floresta, Quain, sem motivações explícitas, cortou-se e enforcou-se diante de dois índios que o acompanhavam na volta para a civilização, ou seja, para a cidade de Carolina, e que ficaram receosos de levarem a culpa. A partir desse acontecimento, o romance transita entre o romance-reportagem e o romance-policial, ao construir um painel, a partir de várias visões, sobre o entorno que envolvia Quain, inclusive com acontecimentos da própria vida do autor, ponto em que realidade e ficção se fundem. Tal procedimento adensa a trama de autoficção da narrativa, que prima por misturar eventos verídicos à vida pessoal de Carvalho. Desse modo, aquilo que seria uma reportagem, passa a criar tramas em que já não é mais possível distinguir o fato e a imaginação, com a supremacia da ideia de que tudo seja mesmo literatura. Nesse sentido, a própria verdade da produção histórica é relativizada, borrando-se os limites entre história e ficção. O fechamento da narrativa cria uma espécie de desistência do jornalista em conseguir encaixar todos os fatos, ensejando a percepção da superioridade do mistério e do desconhecido em relação à verdade histórica.

ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA

Autor: Cecília Meireles

COMENTÁRIOS

Movimento literário: Modernismo – segunda fase

Estilo: No que se refere à poesia lírica, pertence à vertente neossymbolista, ou seja, que resgata características do Simbolismo (XIX), com interesses em temas espiritualistas e existenciais. Poesia com forte apelo à musicalidade e ao uso de métrica.

Romanceiro da Inconfidência (1953): Constitui a incursão de Cecília Meireles no campo histórico ao trabalhar a temática da *Inconfidência Mineira* (1789), fruto de uma década de pesquisa e envolvimento da poeta.

Estrutura: Vasta obra poética composta de quase uma centena de romances não lineares (forma de composição poética de tradição ibérica e de origem popular). O poema explora tanto a vertente lírica quanto narrativa, por meio de vários esquemas rítmicos e estróficos.

Tempo: Um pouco antes e um pouco depois de 1789, data da Inconfidência Mineira.

Espaco: Vila Rica, atual Ouro Preto, em Minas Gerais, com referências à Portugal.

Principais personagens históricos:

Chica da Silva

Escrava amante de João Fernandes, rico contratador de diamantes, tornou-se famosa pelo poderio que exerceu no distrito mineiro de Diamantina. Vestia-se como uma rainha e estava sempre coberta de joias; tratava os portugueses com desprezo.

Cláudio Manuel da Costa

Poeta mineiro, natural de Mariana, formou-se em Direito, em Coimbra. Foi preso sob acusação de ser um dos participantes da Inconfidência Mineira. Supostamente, suicidou-se na prisão.

Inácio José de Alvarenga Peixoto

Poeta brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Casado com a poeta Bárbara Eliodora, é considerado um dos principais chefes da Inconfidência em Vila Rica. Morreu no degredo, em Angola

Joaquim José da Silva Xavier

Conhecido como Tiradentes, nasceu em Minas Gerais em 1746. De simples alferes passou a líder da Inconfidência Mineira, tendo sido o único revolucionário a ser condenado à forca e, posteriormente, esquartejado. Propagou ideais libertárias e buscou o apoio das forças armadas. É o mártir da Inconfidência.

Joaquim Silvério dos Reis

Militar português, denunciou ao Visconde de Barbacena, governador da Capitania de Minas Gerais, a Inconfidência Mineira, à qual anteriormente fingira aderir. Como prêmio, recebeu o perdão de sua dívida com a Fazenda Real, para a qual devia vultosa quantia.

D. Maria I

Rainha de Portugal, filha de D. José I, subiu ao trono em 1777 por ocasião da morte do pai. Aportou no Brasil em 1808 e aqui morreu em 1816.

Marília

D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, jovem de 15 a 16 anos, pertencente a uma das melhores famílias de Vila Rica. Era noiva do poeta Tomás Antônio Gonzaga, que lhe dedicou belos versos do poema *Marília de Dirceu*.

Tomás Antônio Gonzaga

Poeta português, participou da Inconfidência Mineira. Solteiro e com mais de 40 anos, conheceu Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a quem imortalizou na sua obra *Marília de Dirceu*. Foi preso em 1789 e remetido para a Ilha das Cobras, na África.

Ação do poema: Os romances são sustentados por um tênue veio narrativo, alinhavando os fatos históricos àqueles difundidos pela imaginação popular e pela pesquisa da poeta. A narração é feita em pequenos romances ambientados em Vila Rica (atual Ouro Preto, cenário da mineração e de Inconfidência), local onde se articula o movimento revolucionário, mesclados às notações líricas e às reflexões existenciais. A poeta marca a ambição da coroa portuguesa como fundamento da conjuração mineira: o ouro, a cobiça, o ódio, a inveja e os tributos altos circulam pelo arco temático do poema. Um dos pontos altos da narrativa lírica é a denúncia da conspiração, asseverando o ato da traição como ignóbil. O clima torna-se tenso, a conspiração encontra seu triste final em maio de 1789. É o grande momento para o Tiradentes. A figura central do episódio é lapidada a partir de belas imagens, em que sobressaem seus ideais liberais, cujas doutrinas foram a ele passadas por mãos cultas que participaram do movimento histórico. Os inconfidentes são presos e condenados, têm seus bens confiscados e postos em leilão. O suicídio de Cláudio Manuel da Costa é cercado de mistério, favorecendo a formação de uma lenda em torno do movimento. O líder Tiradentes é enforcado. Entre o suicídio de Cláudio Manuel da Costa e o martírio de Tiradentes, Cecília Meireles coloca uma série de romances dedicados a Gonzaga, momento em que ela mesma faz reflexões sobre as expectativas dos líderes da Inconfidência, sobre o futuro nada aprazível que os esperava. A conclusão do *Romanceiro da Inconfidência* é dada pelo arrependimento, loucura e morte de D. Maria, que imprime uma espécie de justiça poética para a lógica do poema. Como o poema tem estreita relação com dados históricos, é absolutamente necessário conhecer sobre a Inconfidência ou Conjuração Mineira (Minas Gerais, 1789), bem como perceber o caráter narrativo e lírico dos romances.